1. Introdução – Shakespeare e a psicologia da mutabilidade

“Deus, tenha piedade!”

“Acalme-se, é apenas um sonho”.

“Oh, minha covarde consciência, como me afliges!”¹

Depois que vários fantasmas do passado visitam sua tenda, nas margens do campo de batalha e na véspera da guerra, Ricardo III, na peça de William Shakespeare, acorda assustado e temeroso do seu mais novo e pior inimigo: a sua consciência. Nesse momento, o rei teme pelo caminho que tomou. A história conta que Ricardo III morre na batalha do dia seguinte, “caçado como um porco” pelas forças inimigas, não antes sem gritar a frase célebre: “Um cavalo, um cavalo! Meu reino por um cavalo.”

O sonho de Ricardo III é uma das cenas mais celebradas de Shakespeare. Por momentos como esse, Harold Bloom, por exemplo, enaltece a shakespeariana como a maior de todas as obras. “Eu poria aí a chave para a posição central de Shakespeare no Cânone”, diz Bloom. Segundo o autor, do mesmo modo que Dante ultrapassa todos os outros, antes ou depois, ao enfatizar uma “imutabilidade última em todos nós, uma posição fixa que devemos ocupar eternamente”, também Shakespeare “ultrapassa todos os outros no evidenciar uma psicologia da mutabilidade”. A “psicologia da mutabilidade” define a capacidade dos personagens de Shakespeare, como Ricardo III em sua tenda, de pensar sobre si mesmo e, quem sabe assim, mudar o seu comportamento, o seu rumo, as suas ações. Para o crítico literário, a obra shakespeariana traz a origem “da autotransformação com base no entreouvindo-se ... a mais admirável das inovações literárias”. (Bloom, 1994, p.54)

Hoje todos nós andamos por aí falando a nós mesmos interminavelmente, entreouvindo o que dizemos, depois meditando e agindo com base no que aprendemos. Isso não é tanto o diálogo da mente consigo própria, nem mesmo um retorno da guerra civil na psiquê, quanto a reação da vida ao que se tornou necessariamente a literatura. (...) Shakespeare acrescenta à função da literatura de imaginação, que era instrução de como falar a outros, a lição mais dominante, se bem que mais melancólica, da poesia: como falar a nós mesmos. (Bloom, 1994, p.55)

¹ Tradução minha de: “Have mercy, Jesu! Soft! I did but dream. O coward conscience, how dost thou afflict me! The lights burn blue. It is now dead midnight.” (Shakespeare, 1988, p.174.)

Este estudo trata de um aspecto específico – a política comercial – de uma mudança generalizada na forma de inserção do Brasil no ambiente político e econômico internacional, ocorrida a partir de 1988/89. O objetivo é analisar essa transformação à luz das idéias que interpretam, questionam e constituem esse processo. Neste trabalho, sem qualquer intenção de antropomorfizar seu objeto, mas apenas de prestar uma analogia, o Brasil é o nosso personagem shakespeariano. O Brasil muda o seu comportamento com relação ao ambiente internacional a partir de 1989.

Nesse sentido, esta obra se organiza da seguinte forma. No primeiro capítulo, “A mudança no perfil de inserção econômica internacional do Brasil”, será apresentado e analisado o objeto escolhido para pesquisa – a transformação. No capítulo 2, a intenção é contextualizar, apresentar e discutir a forma escolhida para a análise. Também são apresentados argumentos e hipóteses que constituem o objetivo final do esforço aqui empreendido. No capítulo 3, “Ascensão e queda do modelo exportador”, faz-se uma contextualização histórica do objeto escolhido. No capítulo 4, está o coração desta obra – as análises interpretativas de representações políticas midiáticas, produzidas e divulgadas em 1989, e que dizem respeito à relação econômica do Brasil com o mundo. No quinto e último capítulo, estão as conclusões que podem ser levantadas de todo esse esforço acadêmico.